



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Potencial agroecológico da agricultura familiar de comunidades ribeirinhas agroextrativistas do Marajó, Amazônia Oriental

Agroecological potential of small-scale agriculture of agroextractivist riverine communities in the Marajó, Eastern Amazon

FRARE, Julio Cesar Vieira¹; JÚNIOR, Waldemiro Rosa²

¹ Instituto Federal do Pará – IFPA Campus Breves, julio.frare@ifpa.edu.br;

² Emater/PA, waldemiro_jr@yahoo.com.br

Tema Gerador: Manejo de Agroecossistemas e Agricultura Orgânica

Resumo

Foi conduzido um diagnóstico rural de comunidades ribeirinhas formadas por agricultores familiares e extrativistas em seis municípios do Marajó. Essas famílias vivem de pesca artesanal, caça, extrativismo e agricultura, com destaque para a macaxeira. A pesquisa teve por objetivo identificar o potencial agroecológico da agricultura praticada por estes agroextrativistas. Constatou-se que, apesar da consolidada prática da queima antes do plantio, estes agricultores não utilizam produtos sintéticos nem fertilizantes químicos, pelo contrário, estão acostumados a fazer a compostagem de produtos orgânicos, além de utilizarem preparados caseiros para afugentar as pragas das lavouras. Os alimentos são produzidos em pequena escala, sem uso de maquinários, com mão de obra familiar, voltados principalmente à subsistência. É possível afirmar, portanto, que a produção agroextrativista destes povos dialoga com os princípios da agroecologia e apresenta potencial para certificação orgânica.

Palavras-chave: diagnóstico rural; agroecologia; agroextrativismo; certificação orgânica

Abstract

An agrarian diagnostic of riverine communities composed by small farmers and extractivists was conducted in six municipalities of the Marajó. These families live from fishing, hunting, extractivism and agriculture, especially cassava. The objective of the research was to identify the agroecological potential of the agriculture practiced by those agroextractivists. It was found that, despite the consolidation of the use of fire before planting, farmers do not use synthetic products or chemical fertilizers, on the contrary, they are used to organic composting and homemade products used for pest control. Food is produced on a small scale, without the use of machinery, with family labor, focused mainly on subsistence. Therefore, it is possible to state that the agroextractivist production of these people dialogues with the principles of agroecology and shows potential for organic certification.

Keywords: agrarian diagnostic; agroecology; agroextrativism; organic certification

Introdução

A Amazônia brasileira é a região menos populosa do país, com rico patrimônio ambiental e cultural, mas contraditoriamente, aparece entre os menores índices de IDH e mais baixos valores de PIB do Brasil (IBGE, 2013). Na Mesoregião do Marajó, Pará, as populações tradicionais que se estabeleceram às margens dos diversos rios, muitos descendentes de povos indígenas, nas denominadas comunidades ribeirinhas agro-



extrativistas, desenvolveram suas práticas agrícolas e desenvolveram uma relação própria para com a floresta, utilizando-a para os mais diversos fins, como moradia, alimentação, medicamento e geração de renda, entre outros (LIRA & CHAVES, 2016).

O objetivo deste trabalho foi fazer um diagnóstico rural das comunidades ribeirinhas da região do Marajó com o intuito de entender as práticas de manejo adotadas por essas populações e averiguar o potencial agroecológico de sua produção agroextrativista.

Metodologia

O diagnóstico rural foi realizado entre agosto e setembro de 2016, envolvendo 16 comunidades ribeirinhas distribuídas em seis municípios da Mesoregião do Marajó (Figura 1): Bagre, Breves, Chaves, Gurupá, Portel e São Sebastião da Boa Vista.

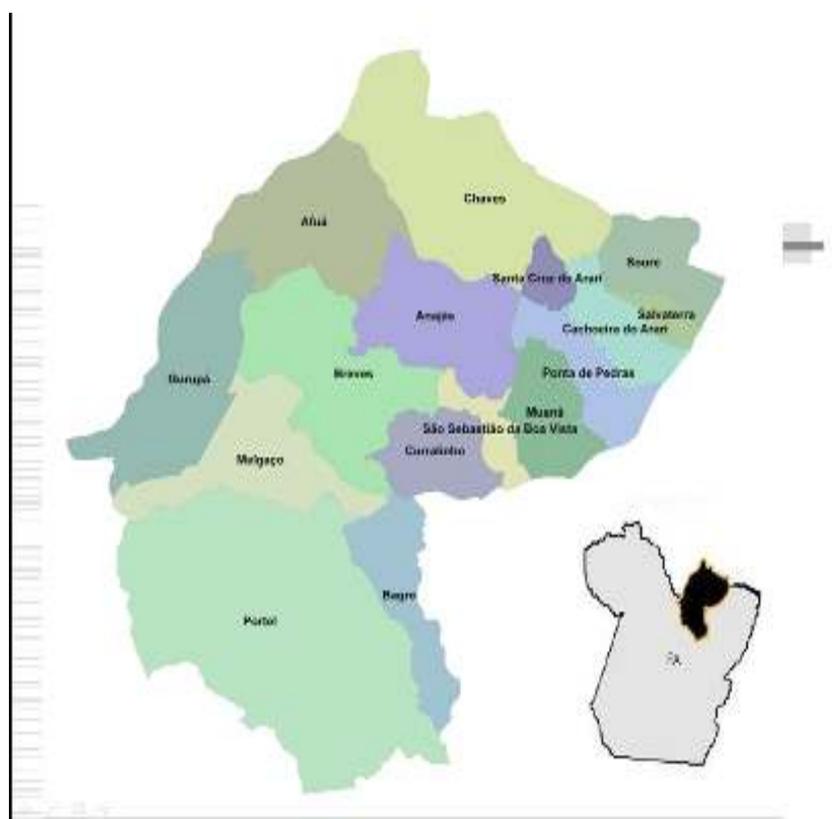


Figura 1. Municípios da Mesoregião do Marajó, Estado do Pará, Brasil.

Foram aplicados questionários a quarenta chefes de família, o que representa de 20 a 30% do total das famílias que habitam essas comunidades. Os entrevistados foram selecionados aleatoriamente durante a visita às comunidades, sendo as entrevistas conduzidas por alunos do curso técnico em Agropecuária do Instituto Federal do Pará – IFPA Campus Breves, sob orientação de seus professores (JÚNIOR, 2011). As perguntas do questionário foram elaboradas em sala de aula e tinham por objetivo levan-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



tar informações a respeito das práticas agrícolas comumente empregadas na agricultura familiar ribeirinha, visando identificar quaisquer afinidades com os conceitos agroecológicos. As informações obtidas através da aplicação dos questionários foram trianguladas com a base de dados disponível na literatura e com depoimentos de informantes-chave, tais como líderes comunitários e extensionistas da Empresa Brasileira de Extensão Rural – EMATER, através de aplicação de entrevistas semiestruturadas (FIGARO, 2014).

Foram objeto de estudo as seguintes comunidades: no município de Bagre, Canduba e Santa Cruz; em Breves, Nossa Senhora Perpétuo Socorro, Macujubim e São João Batista; em Chaves a comunidade Menino Deus; em São Sebastião da Boa Vista a Ilha Paquetá II; em Gurupá, Conceição e Nazaré; e finalmente em Portel, Nossa Senhora Aparecida, São Benedito, Sant’ana, Santo Ezequiel Moreno, São João Batista, Santa Luzia e Caminheiros do Bem.

Resultados e discussão

A população ribeirinha das comunidades agroextrativistas da região do Marajó é composta majoritariamente por pessoas não alfabetizadas ou de formação incompleta, cuja identificação religiosa é predominantemente católica. A renda familiar varia em média de meio a um salário mínimo, sendo a maioria dependente de programas sociais de transferências de renda, como o Bolsa Família. Contribui como parte da renda a venda de produtos do agroextrativismo como farinha e goma de mandioca, açaí, palmito, peixes e, ocasionalmente, frutas como cupuaçu, limão, banana e abacaxi.

Ainda que os agricultores familiares das comunidades estudadas não utilizem o termo agroecologia, aplicam os conceitos da agroecologia no seu dia-a-dia, associando estes princípios aos do extrativismo sustentável. Segundo Lira e Chaves (2016), o extrativismo faz parte da cultura popular dos povos amazônicos. Além dos produtos oriundos do extrativismo e da agricultura, estes povos também consomem carne de caça e pesca artesanal. A criação de suínos e aves é comum na região enquanto a criação de abelhas para produção de mel, entretanto, ainda é incipiente.

A relação destes povos com os rios e florestas está carregada de valor simbólico. As comunidades estão localizadas à beira dos rios, em áreas de várzea, o que traz implicações diretas às atividades desenvolvidas e estilo de vida da população (LIRA & CHAVES, 2016). Suas casas são feitas sobre o rio, suspensas em palafitas. Geralmente o ribeirinho possui uma roça afastada de sua casa, em “terra firme”, onde é possível plantar a mandioca e outras culturas que não toleram as condições alagadas. Além da mandioca, utilizada para fazer farinha e goma, é comum a rotação de culturas alimen-



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



tícias como milho, melancia, maxixe e abacaxi. O plantio consorciado de jerimum, pimenta e maracujá ocorre em menor frequência. Além do açaí, nos quintais agroflorestais são comumente encontradas espécies nativas como o cupuaçu, taperebá, bacuri, goiaba e caju, além de exóticas como a bananeira, mamoeiro, limoeiro e mangueira. Plantas medicinais e hortaliças como erva cidreira, chicória, cebolinha e coentro são geralmente cultivadas em hortas suspensas construídas com estrutura de madeira ou improvisadas em canoas velhas, cestos, caixas, pneus ou baldes, localizadas na frente das casas, na beira dos rios.

A agricultura praticada nessas comunidades tem características próprias da agricultura familiar (BRASIL, 2006), por contar com mão-de-obra majoritariamente familiar, com ocasional contratação informal durante a colheita do açaí; pequenas propriedades, que variam de 0,5 a 2 hectares, e produção a partir de insumos locais voltada principalmente para o consumo da família, com pouco excedente disponível à venda e geração de renda. Entretanto, a agricultura praticada pela maioria dos ribeirinhos na Amazônia está associada à prática da queimada, o que leva à perda de nutrientes acumulados na biomassa vegetal que se desenvolve sobre o solo.

Segundo Primavesi (2002), a matéria orgânica do solo nas regiões tropicais é considerada a principal fonte de nutrientes para as plantas, já que estes solos são naturalmente pouco férteis em nutrientes por conta da lixiviação e intemperismo a que estão expostos, por conta da ação das precipitações abundantes. A agricultura de corte-e-queima, como é chamada, pode levar à erosão e compactação do solo, dificultando a infiltração de água e favorecendo a perda de considerável porção fértil de solo, que é facilmente levada aos rios (SÁ et al., 2007; PRIMAVESI, 2002).

A promoção de práticas alternativas à agricultura de corte-e-queima como o Sistema Bragantino, Sistemas Agroflorestais (SAFs) ou integração lavoura-pecuária vem sendo oficialmente estimulada por empresas públicas como a EMBRAPA e a EMATER. Entretanto, agricultores tem demonstrado certa resistência em adotar estas práticas, por razões ainda não totalmente compreendidas (SÁ et al., 2007). Na região do Marajó, de acordo com esta pesquisa, práticas conservacionistas como o plantio sem queima e o uso de SAFs foram relatados como opção por produtores de comunidades que já haviam feito cursos de capacitação sobre o assunto. A EMATER/PA é uma entidade atuante na região, tendo oferecido cursos de Manejo do açaizal nativo, levando a estas comunidades o conceito de SAF e manejo sustentável na agricultura, com o objetivo de se evitar o monocultivo do açaí.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Como esperado pela equipe proponente deste estudo, o uso de adubos químicos entre os ribeirinhos é praticamente nulo em função dos elevados custos de importação e logística de transporte destes produtos dos centros urbanos até as comunidades. Como bem colocado pelos entrevistados, o rio é o único meio de transporte das comunidades, o que dificulta e encarece a aquisição de mercadorias. A adubação das culturas agrícolas é feita através de compostos orgânicos elaborados a partir da compostagem de sementes de açaí, esterco animal, serragem de madeira e restos de culturas vegetais como a casca da mandioca. Também são utilizados como fertilizante as cinzas oriundas da queima da capoeira e a “borra de barranco”, elaborada com as raízes do mururé, planta aquática comum na região.

As principais pragas encontradas são lagartas, gafanhotos e formigas. Besouros, percevejos de solo e brocas aparecem como pragas secundárias. O controle é feito a partir de produtos alternativos como a calda de tucupi e preparados à base de borra de café ou sabão. Para Altieri (2004), a agricultura sustentável não é a que unicamente substitui o uso de produtos químicos por produtos alternativos, mas sim aquela que leva em Considerações fatores sociais e econômicos no intuito de reverter ou evitar a pobreza no campo e a crise ambiental recente. Segundo o autor, a agroecologia possibilita a manutenção de ecossistemas produtivos enquanto se preservam os recursos naturais e valoriza-se a cultura dos agricultores, permitindo a produção de alimentos de maneira socialmente justa e economicamente viável (ALTIERI, 2004), como é o caso das comunidades estudadas. O uso de insumos locais também é uma característica da produção agrícola sustentável, pois dessa maneira há menor gasto energético durante o processo produtivo.

Conclusão

As características da agricultura familiar aliada ao extrativismo vegetal proporcionam certa independência econômica aos agroextrativistas locais, possibilitando a manutenção de ecossistemas produtivos enquanto se preservam os recursos naturais e valoriza-se a sua cultura. Apesar do efeito negativo das queimadas, enquanto técnica principal de preparação do solo na região, a agricultura das comunidades ribeirinhas estudadas dialogam com os preceitos da agroecologia em questões como a preservação da biodiversidade (manutenção das florestas ao redor da roça), a prática de rotação de cultura e consorciamento, uso de produtos alternativos para o controle de pragas e doenças e também utilização de adubos orgânicos obtidos a partir da compostagem de resíduos locais. Por essas razões, pode se destacar, portanto, o potencial para certificação orgânica de sua produção.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Com a difusão de cursos de capacitação, notadamente os voltados ao manejo de açai- zais, e abrangência dos serviços de extensão rural prestados pela EMATER-PA, os produtores agroextrativistas destas comunidades, organizados em cooperativas e as- sociações, vem se conscientizando da importância da preservação das florestas e rios para as futuras gerações e flertando com a possibilidade de geração de renda com a venda de produtos alternativos oriundos da agrofloresta. Entretanto, informações mais detalhadas sobre os canais de comercialização dos produtos produzidos e coletados, além de aprofundamento a respeito da renda e outros dados que permitem calcular a sustentabilidade econômica e ambiental da atividade ainda se fazem necessários no futuro para viabilização de uma certificação orgânica.

Referências bibliográficas

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formula- ção da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 25 de julho de 2006.

FIGARO, R. A triangulação metodológica em pesquisas sobre a Comunicação no mundo do trabalho. **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, RS, v. 16 n. 2, p. 124-131, mai/ago 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Coordenação de Contas Nacionais. **Produto Interno Bruto dos Municípios 2010-2013**. Rio de Janeiro, 2015. 68 p.

JÚNIOR, A. F. de B.; JÚNIOR N. F. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

LIRA, T. de M.; CHAVES, M. do P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: orga- nização sociocultural e política. **Interações**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan/mar 2016.

PRIMAVESI, A. **Manejo Ecológico do Solo: a agricultura em regiões tropicais**. 1. ed. São Paulo: NBL Editora, 2002. 541p.

SÁ, T. D. A.; KATO, O. R.; CARVALHO, C. J. R.; FIGUEIREDO, R. O. Queimar ou não queimar? De como produzir na Amazônia sem queimar. **Revista USP**, São Paulo, n.72, p. 90-97, 2007.